

"NÃO QUEREMOS SUBSTITUIR LIVROS"

Para Michael Golden, tecnologia permite mecanismos jamais vistos na educação

São tantas as possibilidades na tecnologia e na rede mundial de computadores que alguns gestores e educadores têm enxergado com parcimônia o uso de tais mecanismos. Tornar os alunos ainda mais "high techs" não seria prejudicial?

Para o vice-presidente corporativo de produtos educacionais da Microsoft, Michael Golden, o essencial é que as escolas consigam unir os dois elementos com inteligência e criem proje-

tos inovadores. Em entrevista à *Gestão Educacional*, o executivo, que já foi secretário-adjunto do departamento de informações e tecnologia do ensino do Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e vice-presidente sênior de marketing da Pearson School, editora líder mundial de publicações acadêmicas, opina sobre a educação brasileira e afirma que os diretores de escola "têm o trabalho mais difícil dentro da educação".

Gestão Educacional: A tecnologia é muito atraente para crianças e adolescentes. Mesmo assim, os meios "tradicionais" de ensino ainda persistem e exercem um papel importante. Como unir as duas coisas?

Michael Golden: Eu entendo que a tecnologia é uma ferramenta e um elemento dessa solução dentro da educação. São duas coisas trabalhando juntas. A tecnologia traz valores e conhecimentos e, sem ela, certas ações jamais seriam possíveis. Não temos a intenção de substituir os livros, mas quando os estudantes tiverem dificuldades para lê-los, a tecnologia pode dar o suporte para isso.

GE: Por exemplo?

MG: Se um aluno tem problema de visão, a tecnologia pode aumentar o tamanho da fonte da letra, mantendo o mesmo texto que está no livro, com a diferença que o estudante pode ler a obra melhor. Você pode ter também o benefício de clicar em uma palavra durante a aula, e ter a definição dela dentro do contexto do livro. Ou, ainda, o professor pode trazer perguntas no momento exato em que o aluno está lendo um livro. É possível que ele insira, nesta conjuntura, perguntas para checar a interpretação de texto e se ela está acontecendo de forma correta. Por isso entendemos que a tecnologia é parte da solução; ela permite que atividades interessantes aconteçam e, sem a internet e estes mecanismos, dificilmente esses trabalhos aconteceriam. O professor e os alunos podem ter facilmente contato com um especialista em um assunto, e esta pessoa estar em outro país. Ou então, estudantes que já atuam no mercado e que trabalham em dois empregos diferentes podem ter a possibilidade de estudar frequentando um curso à noite na sua própria casa. O professor pode ter também alunos trabalhando em projetos simultâneos, mas em países diferentes, levando assim diferentes perspectivas e visões de mundo para a sala de aula. No Brasil, os alunos podem estudar o descobrimento junto com estudantes de Portugal e ambos terão leituras diferentes, incitando o debate e a complementação de idéias. E isso é uma das

coisas que raramente poderia ser feita se a tecnologia não fosse utilizada.

GE: O senhor foi secretário-adjunto do departamento de informações e tecnologia do ensino da Pensilvânia. Quais programas e políticas que liderava?

MG: Desenvolvemos diversos programas para tornar as escolas mais eficientes e também ações para oferecer acesso de internet banda larga a todas as pessoas do Estado, tudo com o objetivo de promover o desenvolvimento profissional a educadores e líderes escolares. Nós tivemos no Estado uma competição parecida com a da Microsoft, que é uma disputa de computação com estudantes. Entre outros projetos, o mais emocionante foi o "Classes para o Futuro", que abrangeu todas as escolas de ensino médio, para que cada estudante tivessem um lap top. Todos os professores dessas instituições tinham um suporte para sala de aula, com um computador central que liderava a programação em cada turma, além do auxiliar para ajudar os docentes a usarem o programa em tempo integral. E isso ajudava no modo como a escola se envolvia com o aluno; a instituição fica muito mais focada no aluno e a educação mais embasada, com foco em projetos.

GE: E quais foram os resultados práticos dos projetos implantados?

MG: O governo está fazendo uma avaliação dos impactos, documentando cada uma das escolas e verificando o que aconteceu em cada uma delas, em diversos aspectos. Imediatamente, eles perceberam que a presença dos alunos melhorou significativamente; este foi o impacto mais perceptível. O que aumentou também foi a permanência das crianças e adolescentes na escola, além da disciplina que melhorou consideravelmente. Com o tempo, eles (o governo) estão conseguindo mapear melhor o que aconteceu com o professor, quais foram os benefícios.

GE: A publicação norte-americana EducationWeek publicou recentemente uma matéria que indica um

problema crescente entre diretores de escola: os gestores educacionais têm abandonado os seus cargos cada vez mais cedo. No seu ponto de vista, por qual motivo isso está acontecendo e quais os desafios da profissão?

MG: Diretores de escola têm um dos trabalhos mais difíceis dentro da educação. Muitos eram docentes que se tornaram administradores depois, mas a formação deles é de professor. Então, acredito que este profissional precisa de apoio para aprender a se tornar um gestor de negócios - para ser um líder que dê instruções, alguém que faça planejamento estratégico, use esses dados e realize as interpretações dos mesmos. Entendo que estas são as quatro competências mais importantes, e é com elas que, essencialmente, a Microsoft está interessada em trabalhar junto com as escolas inovadoras (programa desenvolvido pelo grupo). E, o mais importante, disseminar as capacidades. Eu acredito que o artigo deve ter mencionado que é difícil vir "do sistema" e querer mudá-lo. Por isso acreditamos que essa rede de escolas inovadoras pode oferecer suporte umas às outras e, assim, dar visibilidade a projetos que deram certo, divulgar as melhores práticas que implantaram e foram eficazes, para que sejam divididas com as demais.

GE: Como o senhor vê a educação brasileira?

MG: Para mim, que tive a oportunidade de visitar a Escola Lumiar (em São Paulo, que tem como foco uma organização com participação democrática e gestão participativa), a instituição é um exemplo brilhante de uma escola inovadora. Ao mesmo tempo, eu percebo e tenho conhecimento de que as estatísticas apontam que menos de 50% dos estudantes brasileiros se formam no ensino médio. Acredito que existe no Brasil um desafio muito grande no investimento da qualidade do professor. Focar em sua formação e atrair professores brilhantes e capacitados para a rede pública representa todas as oportunidades e desafios que existem não só no Brasil, mas no mundo inteiro. G